

A Questão das Paixões segundo Thomas Hobbes

Bruno Costa Simões (Bolsista PIBIC/CNPq – DF/USP/SP)

Orientadora: Maria das Graças de Souza do Nascimento

“É preciso entender qual é o natural dos homens, o que é que os torna próprios ou incapazes de formar estados, e como é que devem estar dispostos aqueles que querem se reunir em um estado bem fundado.”

Thomas Hobbes, *De Cive*

“É possível que todo prazer seja apenas alívio”

William Burroughs, *Junky*

Um tema que não se costuma esmiuçar com razoável critério de análise, e que entretanto, quase que automaticamente é remetido à filosofia de Thomas Hobbes, é o do egoísmo humano. Trata-se, na verdade, de uma leitura bastante simplista que, a partir de uma alusiva concepção hobbesiana da natureza competitiva do homem, formula idéias completamente genéricas do tipo: Hobbes vê o homem como um ser naturalmente mau; de forma que, por mais altruístas que pareçam ser suas ações, ainda assim, elas estarão exclusivamente voltadas para sua satisfação pessoal, pois são frutos de uma paixão egoísta.

Independente dos possíveis rótulos que poderiam ser atribuídos, o fato é que uma considerável parte da obra de Hobbes tem como núcleo de investigação a análise da natureza humana; o que leva a crer, pelo menos, que tamanho empenho do autor não deva ser simplificado de maneira tão limitada. Seria mais adequado, de nossa parte, antes de panfletarmos que o homem está fadado a obedecer sua própria natureza, não levando em conta nenhum outro benefício senão o da garantia de sua sobrevivência, que tentássemos fazer previamente uma análise para entender, afinal de contas, a partir de quais condições teóricas é possível conceber a natureza humana, tal qual a caracterização feita por Hobbes.

Dentre as diversas ênfases que podem ser dadas à análise da noção de egoísmo humano, a questão das paixões parece congrega informações primordiais de ordem física sobre a origem das ações voluntárias. O ponto no qual pretendemos nos deter nesta exposição visa apresentar uma espécie de trajeto do mecanismo das paixões humanas, necessário para a execução efetiva daquilo que Hobbes considera como sendo a ação voluntária.¹ Para tanto, ressaltar o comportamento mecânico dos impulsos físicos, tendo em conta a perspectiva hobbesiana segunda a qual “o movimento nada produz senão movimento” apresenta-se como um recurso indispensável para esta análise.

O estatuto que Hobbes concede às coisas em geral não conta especificamente com nenhum atributo intrínseco que garanta a sua condição material. Tudo que existe, existe apenas enquanto movimento. Movimento este ininterrupto que, obedecendo às leis físicas, só muda de direção quando alterado por alguma força: *“quando uma coisa está imóvel permanecerá imóvel para sempre, a menos que algo a agite... quando uma coisa está em movimento, permanecerá eternamente em movimento, a menos que algo a pare, muito embora a razão seja sempre a mesma, a saber, que nada muda por si só”*²

Sendo assim, a relação dos objetos exteriores com a formação das sensações humanas (primeira etapa de nosso percurso) também deve estar, para Hobbes, submetida a esse mesmo princípio físico do movimento. Todo aquele conjunto de qualidades atribuídos à matéria deve ser visto, então, como resultado da transmissão de impulsos, oriundos de objetos exteriores, que afetam os sentidos humanos. Estes, por sua vez, captando tais movimentos transmite-os, por intermédio dos órgãos internos, ao cérebro que, recebendo-os na forma de uma pressão de fora para dentro, acaba por manifestar uma reação de resistência de dentro para fora. Fica estabelecido, portanto, que é somente a partir desse movimento de resistência cerebral que se produz a sensação: *“A causa da sensação é o corpo exterior, ou objeto, que pressiona o órgão próprio de cada sentido... a qual pressão, pela mediação dos nervos, e outras cordas e membranas do corpo, prolongada para dentro em direção ao cérebro e coração causa ali uma resistência, ou contrapressão, ou esforço do coração, para se transmitir...”*³ Nessa medida, a questão da existência material de objetos externos ao sujeito se mostra incompatível com a análise hobbesiana. As qualidades são subjetivas, não se inscrevem na natureza dos corpos. Todas as noções de qualidades e acidentes que o intelecto humano atribui às coisas são apenas reflexos de movimentos, oriundos de objetos exteriores, que pressionam o cérebro. Enfim, o que realmente deve ser considerado como existente no mundo são os movimentos; e será somente por intermédio deles que se produzem sensações, concepções, qualidades, idéias e acidentes, que, para Hobbes, *“são uma e mesma coisa, que, por razões várias, tem nomes diferentes”*

Alcançada a primeira etapa de nosso trajeto o cérebro- prossigamos adiante com nosso rastreamento, onde tudo indica, deve levar ao encontro do objetivo principal de nossa análise, qual seja, a da origem das ações voluntárias. Relembremos, antes, que a principal consideração constitutiva desta análise é de que *“aquilo que está dentro de nós é apenas movimento...provocado pela ação dos objetos externos”* A lei da inércia, portanto, continua encarregada de dirigir todos os acontecimentos.

Após o cérebro ter reagido com uma contrapressão de dentro para fora, o movimento se prolonga, *“a partir dos olhos, dos ouvidos e outros órgão, até o coração, o efeito aí realmente produzido não passa de movimento e esforço, que consiste em **apetite** ou **aversão** em relação ao objeto”*⁴ Está claro, desse modo, que é a

partir do movimento do cérebro que é desencadeada mais uma outra seqüência de transmissões que finalmente resultam no movimento corporal. Ampliemos nossa visibilidade nessa etapa do movimento: *“a sensação é o movimento provocado nos órgãos e partes interiores do corpo do homem pela ação das coisas que vemos, ouvimos, etc; e a imaginação é apenas o resíduo do mesmo movimento que permanece depois da sensação... E dado que andar, falar, mover, e outros movimentos voluntários dependem sempre de um pensamento anterior de como, onde e o que, é evidente que a imaginação é a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários”*⁵. Precisamos neste ponto da análise evocar, agora, aquela que representa a engrenagem fundamental da qual depende todo o funcionamento da máquina humana. Trata-se do *esforço (endeavour)*, elemento incomensurável⁶ encarregado de dar o pontapé inicial que, quando vai na direção daquilo que o provoca, chama-se desejo. E, quando vai no sentido de evitar alguma coisa, chama-se aversão.

Conforme foi dito anteriormente, esse esforço prolonga o movimento em direção ao coração, ajudando-o ou interrompendo-o no seu desempenho. Segundo Hobbes, o coração é a sede daquilo que ele denomina *movimento vital* que *“começa com a geração, e continua sem interrupção durante toda a vida. Deste tipo são a circulação do sangue, o pulso, a respiração, a digestão, a nutrição, a excreção, etc...”*⁷ São necessariamente três os tipos de resposta que o coração pode manifestar após receber um impulso: 1) positiva, quando o impulso colabora com o movimento vital; 2) negativa, quando o impulso prejudica o movimento vital; e 3) neutra, quando o impulso não interfere em nada no funcionamento do movimento vital.

Temos em mãos todos os acessórios necessários para que finalmente se inicie a ação voluntária. É forte a tendência de, a partir desses pressupostos, começarmos a falar logo da ação de apropriação de um bem desejado, ou do afastamento de um mal rejeitado. É praticamente inevitável a idéia vulgar de encarar as paixões como uma espécie de vontade exasperada, que domina todas as forças, direcionando o homem de maneira inexorável a uma finalidade qualquer. Todavia, como ficou estabelecido que essa análise se prenderia exclusivamente ao percurso dos movimentos, aceitar essa concepção romântica, seria passar a assumir, de agora em diante, uma perspectiva que privilegiaria um tipo de argumentação entificadora de movimentos; consideraríamos, por exemplo, o desejo como um ser etéreo que determinaria quais ações seriam produzidas para obtenção de um objeto. Se pretendemos nos manter na mesma linha de argumentação, então as explicações devem ser pensadas somente em termos mecânicos. Se Hobbes, de fato sugere que esse esforço, apesar de sua imperceptível dimensão, constitui alguma matéria objetiva que determina, diante de uma circunstância, qual ação voluntária será tomada, a verdade é que isso não compromete a concepção de que tudo é movimento. O que o esforço executa não é senão uma reação física que beneficia o funcionamento do movimento vital, e nessa medida seria perfeitamente coerente pensarmos que a reação de todos os órgãos afetados, da mesma forma, manifesta um esforço concomitante de apreensão ou de afastamento de um objeto. A idéia de concomitância dos movimentos parece solucionar um possível equívoco de querer estabelecer um ser específico, situado num local determinado, e dotado da capacidade de por si só gerar uma ação que ativaria o movimento corporal humano.

Segundo a lei física da inércia, o movimento só é gerado pelo choque de um corpo contra outro. Adaptando esse princípio às condições do corpo humano, não se está querendo dizer com isso que necessariamente exista algum objeto em específico colidindo com outros corpos e que vai, por assim dizer, acionando o interruptor de cada órgão. Em termos anatômicos, todos os órgãos se comunicam mecanicamente pelos nervos, músculos, etc. Ora, quando um nervo é tencionado, tudo aquilo que estiver ligado a ele também sofrerá concomitantemente os efeitos da mesma tensão. Portanto, a idéia de esforço primário que movimenta os órgãos está relacionada com o momento em que todos as partes sofrem os efeitos de uma pressão interna e reagem com um movimento que corresponda mecanicamente aos benefícios ou prejuízos que essa pressão venha a provocar. Sendo que até mesmo esses benefícios e prejuízos são também idéias que derivam do sentido no qual se move o impulso contra ou a favor ao sentido do movimento vital.

De fato, todas essas noções *“são sempre usadas em relação à pessoa que as usa. Não há nada que o seja simples e absolutamente, nem há qualquer regra comum do bem e do mal, que possa ser extraída da natureza dos próprios objetos.”*⁸ E o motivo disso é que cada ser tem uma experiência de vida e uma constituição interna própria, particular. E mais: *“Dado que a constituição do corpo de um homem se encontra em constante modificação, é impossível que as mesmas coisas provoquem nele sempre os mesmos apetites e aversões, e muito menos é possível que todos os homens coincidam no desejo de um só e mesmo elemento”*⁹ Tantos critérios assim impedem que as mesmas coisas tenham um significado absolutamente estável, pois *“muito embora a natureza do que concebemos seja a mesma, contudo a diversidade de nossa recepção dela...dá a tudo a coloração de nossas diferentes paixões”*¹⁰ Assim, por exemplo, os termos *sensação* ou *emoção*, de maneira geral, referem-se ao movimento que afeta o cérebro; *desejo* e *aversão* referem-se ao mesmo movimento, considerando-o agora relacionado com a reação do corpo em direção ou contra um objeto; *amor* e *ódio* correspondem também a mesma emoção, *“salvo que por desejo sempre se quer significar a ausência do objeto, e quando se fala em amor geralmente se quer indicar a presença do mesmo. Também por aversão se significa a ausência, e quando se fala de ódio pretende-se indicar a presença do objeto”*¹¹ *Prazer e desprazer a mesma coisa*, diferenciando-se dos outros termos apenas por estarem se referindo ao efeito do movimento no coração, ou seja, quando a sensação é de prazer é porque ajuda e fortalece; e quando molesta, *impede e perturba o movimento vital.*¹²

Ao que parece, o único princípio que, apesar de todas as vicissitudes, preserve seu conteúdo é o de autoconservação. Todas as transmissões de movimento aqui descritas indicam o quanto elas têm como finalidade cooperar na preservação da vida. Entretanto, isso não quer necessariamente dizer que exista um princípio indeterminado, responsável pelas ações. Mas sim, que a idéia de autoconservação coincide com os mesmos pressupostos mecânicos que caracterizam o movimento vital. A finalidade de toda ação humana, portanto, está sempre condicionada por uma paixão que, por sua vez, depende da educação e da constituição interna adotada, que, por sua vez, submetem-se a um critério de ir contra ou a favor do sentido do movimento vital, que, por sua vez é um reflexo das leis físicas, que por sua vez ...

BIBLIOGRAFIA

- Hobbes, Thomas, *De Homine*, Paris, Blanchard, 1974.
Hobbes, Thomas, *Leviatã*, São Paulo, Coleção Pensadores, Abril Cultural, 1974.
Hobbes, Thomas, *Leviathan*, London, Penguin Books, 1985.
Monzani, Luiz Roberto, *Desejo e Prazer na Idade Moderna*, Campinas, Unicamp, 1995.

NOTAS

¹ De certa forma, a maneira pela qual esse tema deveria ser devidamente tratado corre o risco de não ser alcançada. No que se refere a uma questão voltada para um sistema em que seus elementos são analisados de forma fragmentada, ou seja, cada ponto é apresentado independentemente, fica-se sujeito a enfatizar um ponto específico, reduzindo todo o resto a meros acessórios derivados, que passam a assumir uma posição que desmerece a sua verdadeira relevância. Ora, sabe-se perfeitamente que num sistema todos os elementos são parte importante para a realização de um mecanismo. Todas as engrenagens ocupam um mesmo nível de contribuição para a eficiência de uma máquina. Sendo assim, uma vez explicitada como deve ser a postura assumida por uma análise diante de um tema que lida com aspectos, todos eles fundamentais para o entendimento, o único ponto que, de fato, merece ser ressaltado mais do que qualquer outro é justamente aquele que vê a necessidade de configurar aqui a anatomia humana como um todo coerente, destacando a contribuição de todos aspectos que interferem interdependentemente nas ações do homem. Estabeleçamos, assim, de antemão, como critério para esta exposição o percurso ordenado pelas etapas dos movimentos encadeados, iniciando-se com as ações dos objetos exteriores que atingem o homem, passando, em seguida, por uma espécie de retransmissão desses movimentos aos órgãos internos, até enfim chegar naquilo que Hobbes denomina ação voluntária.

² Hobbes, Thomas, *Leviatã*, Coleção Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1974, p. 15.

³ Ibid., p.13.

⁴ Ibid., p. 38.

⁵ Ibid., p.36.

⁶ Ibid, p 36. Sobre esse aspecto Hobbes afirma: *“E embora os homens sem instrução não concebam que haja movimento quando a coisa movimentada é invisível, ou quando o espaço onde ela é movida (devido a sua pequenez) é insensível, não obstante esses movimentos existem. Porque um espaço nunca é tão pequeno que aquilo que seja movido num espaço maior, do qual o espaço pequeno faz parte, não deva primeiro ser movido neste último.*

⁷ Ibid, p.36.

⁸ Ibid., p. 37

⁹ Ibid., p. 37

¹⁰ Ibid., p.30.

¹¹ Ibid., p.37

¹² Ainda sobre esta questão dos nomes, Hobbes afirma no seu *De Homine* (X, 4):
“Todas as coisas que desejamos, têm o nome comum de bem e todas as coisas das quais fugimos, o nome comum de mal. Por isso Aristóteles definiu justamente o bem como isso que todos desejam. Mas porque alguns desejam e fogem de uma coisa e outros de outra, necessariamente muitas coisas para alguns são boas, para outros más”